

Sepultamento foi em Caeté

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — Vítima de enfarte, o ex-Governador de Minas, Israel Pinheiro, morreu ontem às 6h30m, depois de dedicar mais de cinquenta dos seus setenta e sete anos à política e à vida pública.

O corpo foi velado no Palácio da Liberdade, tendo ali comparecido o Ministro Jarbas Passarinho, da Educação, represen-

tando o Presidente Médico, o Governador Rondon Pacheco, o Prefeito Oswaldo Pierucetti, de Belo Horizonte, e dezenas de políticos e familiares e amigos.

Num dos mais longos cortejos fúnebres realizados em Minas, o corpo foi levado às 15h30m para Caeté, terra natal de Israel, distante 46 quilômetros de Belo Horizonte, e lá enterrado às 18 horas.



Parentes e amigos conduzem o caixão de Israel, na cidade mineira de Caeté

Morreu Israel Pinheiro, aos 77 anos

Quarta-feira passada, Israel Pinheiro compareceu a um almoço no Palácio da Liberdade, oferecido pelo Governador do Estado, Rondon Pacheco. Foi o último momento de sua vida pública. Na manhã de ontem tornou a sentir-se mal, morrendo pouco depois.

Tão logo tomou conhecimento da morte de Israel Pinheiro, o Governador Rondon Pacheco determinou, pessoalmente, todas as medidas para que o ex-Chefe do Executivo fosse sepultado com honras de homem de Estado. A seguir, dirigiu a seguinte mensagem ao povo mineiro:

"Minas Gerais perdeu, com a morte do ex-Governador Israel Pinheiro da Silva, uma reserva e um devoto servidor da causa pública. Herdou

de seu pai, o saudoso ex-Presidente João Pinheiro, as virtudes de um homem público autêntico. Foi conciliador por vocação e determinado por formação, traços marcantes da personalidade de um verdadeiro líder, fiel às origens sócio-culturais do estadista mineiro. Sua vida assinalou-se sempre pela dimensão humana que caracterizava suas atitudes. Em nome do Governo e do povo mineiro, rendo à memória do ex-Governador Israel Pinheiro da Silva todas as homenagens que fez por merecer, pelo muito que ele promoveu em bem do Estado e do País, ao longo de sua vida pública, iniciada na Câmara Municipal de Caeté, sua terra natal".

Em Brasília, o Governador Hélio Prates da Silveira, decretou luto oficial de três dias no Distrito Federal pela morte de Israel Pinheiro.

Uma longa vida pública

Israel Pinheiro da Silva nasceu no dia 4 de janeiro de 1896, na chácara do Tinoco, em Caeté, Minas. Em 1908, seu pai, João Pinheiro, foi eleito para a presidência do Estado. A família seguiu então para Belo Horizonte, mas dois anos depois, ainda no governo, morria João Pinheiro, deixando-o em difícil situação financeira.

Por iniciativa de Luís de Vasconcelos, grande amigo de seu pai, Israel Pinheiro, que já tinha feito os estudos primários com professores particulares, foi internado em Friburgo, no Colégio Anchieta, de jesuítas. Concluiu o curso ginasial, matriculou-se na Escola de Minas de Ouro Preto. Formou-se em 1919 ganhando um prêmio de viagem à Europa, onde se especializou em indústrias de cerâmica e metalurgia.

Em Caeté

De volta da Europa, transformou e ampliou a cerâmica que havia sido fundada em 1893 pelo seu pai. Foi, assim, o primeiro industrial de Caeté, onde, ao lado das atividades industriais, iniciou-se na carreira política. Em 1922, elegeu-se vereador e a seguir foi escolhido presidente da Câmara Municipal.

Em 1924, Israel Pinheiro casou-se com D. Coracy, e dessa união nasceram nove filhos.

Após nove anos de vida pública em Caeté, Israel era nomeado membro do Conselho Consultivo do Estado, do qual foi presidente até dezembro de 1933.

Secretário

Foi então convidado para assumir a Secretaria de Viação e Obras de Minas pelo então governador Rondon Pacheco. Benedito Valadares. Daí passou à Secretaria de Agricultura. Nessas duas funções, entre outras iniciativas, coube-lhe a realização das seguintes obras: Cidade Industrial, Fazenda-Escola Florestal, Feira Permanente de Amostras, Rádio Inconfidência, Feira Permanente de Animais, Estação Hidromineral de Araxá, Instituto Biológico, Escola Superior de Veterinária, Granja-Escola João Pinheiro e Fábrica-Escola de Laticínios Candido Tostes.

Depois de atuar na administração estadual, Israel Pinheiro foi nomeado, pelo Governo Federal, para participar da Comissão de Acordos de Washington, assinados com os Estados Unidos durante a guerra. Dessa comissão nasceu a Cia. Vale do Rio Doce, para

cujas atividades ele seria escolhido, permanecendo no cargo até fevereiro de 1946, quando assumiu a sua cadeira de deputado federal.

Na Câmara

Na Câmara, foi membro da Comissão de Finanças, da Comissão Especial de Imigração e da Comissão Especial da Mudança da Capital Federal.

Durante esse primeiro mandato apresentou 370 pareceres e quatro relatórios gerais sobre o Ministério da Agricultura. Foi, ainda, autor de vários projetos de lei, entre os quais um relativo à mecanização da lavoura, o de criação do Fundo Ferroviário Nacional, de criação do Ministério da Economia, e o de organização de uma rede de armazéns e transportes frigoríficos.

Em 1950 era reconduzido à Câmara Federal, onde passou a ocupar a presidência da Comissão de Finanças, e, mais tarde, a presidência da Comissão de Orçamento. Foi eleito, em 1954, mas dois anos depois renunciou ao mandato para assumir a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Tornou-se o primeiro prefeito de Brasília, deixando o cargo em 1961, quando voltou às suas atividades particulares, em Paracatu e Caeté.

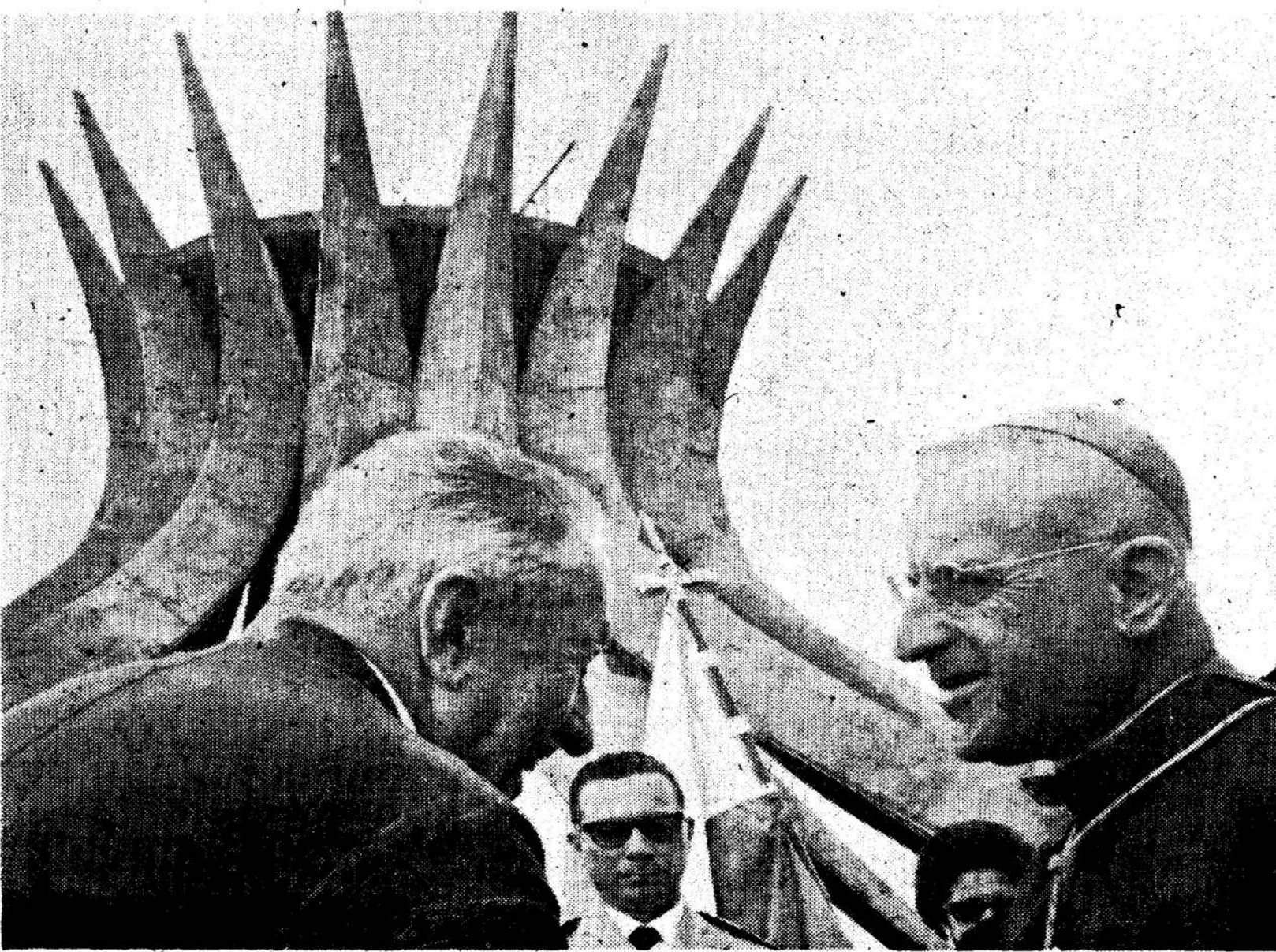
Governador

Assim como ocorrera no começo do século, quando os políticos do imbatível Partido Republicano Mineiro saíram a serra para convencer João Pinheiro a candidatar-se ao governo do Estado, em 1965 subiram os homens do também imbatível PSD mineiro, para convencer Israel a fazer o mesmo. E, com sua candidatura lançada apenas 17 dias antes da eleição, ele venceu facilmente, ocupando o governo mineiro de 1966 até 1971.

Voltou então a Caeté, dessa vez para uma definitiva aposentadoria política. E lá continuou até o fim da vida, cercado de netos, cuidando da velha cerâmica.

Duas passagens

Israel Pinheiro foi um dos fundadores do Partido Social Democrático, em 1945, e por longos anos seu tesoureiro. Dele se disse que enquanto foi presidente da Comissão de Orçamento da Câmara, onde as vezes agia com certa rudeza para impedir o aumento de despesas, a inflação esteve controlada em níveis razoáveis no País.



Em 1965, quando prefeito de Brasília, Israel recebe os cumprimentos do Arcebispo Dom José Newton

O dinâmico político mineiro

A imagem do tradicional político mineiro talvez não lhe assentasse muito bem. Pois se a sua escola era a do seu tempo, baseada em astúcias, intrigas e acordos, ele logo construiu uma figura dinâmica, muito mais voltada para os problemas do futuro do que para os eventuais embates nas urnas. E foi por isso que ninguém, com exceção do primeiro prefeito de Brasília, Israel Pinheiro, um político de destaque em largos anos do período republicano.

Na presidência da Câmara Municipal de Caeté, na Secretaria de Viação e Obras de Minas, nas comissões técnicas da Câmara dos Deputados, na Cia. Vale do Rio Doce, na direção da Novacap, na Prefeitura de Brasília e no Governo de Minas, a atuação de Israel Pinheiro sempre impressionou pelo dinamismo. No fim da vida, o velho político voltou às suas origens, passando a administrar a cerâmica fundada em Caeté por seu pai, João Pinheiro, em 1893 — três anos antes do nascimento de Israel.

Brasília

Na época da construção de Brasília, em 1957, quando ocupava a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), Israel Pinheiro aproveitava o percurso diário até seu escritório para fiscalizar as obras. E passava os gritos, cumprimentando e incentivando os trabalhadores. Depois, já em sua mesa de trabalho, começava a cobrar o que havia constatado no caminho.

Por que aquela terpenênem não está pronta? O que vocês pensam? Que estamos brincando?

Foi assim, com a mão firme e a fala áspera de Israel, que Brasília teve sua construção realizada em ritmo impressionante. No primeiro ano de Novacap, a equipe toda vivia em perma-permanente corre-corre, sempre de malas prontas para viajar, pois era no Rio que se faziam as concorrências e as tomadas de preços. Nesse clima de trabalho e agitação, com as constantes viagens e a intermitente fiscalização

das obras da nova capital, Israel Pinheiro forjou uma imagem de mal-educado, sem papas na língua.

As broncas

Como administrador, não perdoava erros ou negligências. Seu próprio filho não escapou de suas "broncas" dadas em público e em altos brados. A que Israel Pinheiro Filho levou, em 1957, acabou ficando famosa. Ele era o engenheiro responsável pela barragem de São Velho, onde estava sendo construída uma usina para fornecer energia elétrica à Brasília. Durante as obras "Israelzinho" permanecia a maior parte do tempo em Belo Horizonte. E veio o dia em que, devido a fortes chuvas, as comportas da barragem se romperam. Israel então foi ao acampamento, para cobrar do filho o acidente. Começou a ouvir uma longa explicação técnica, mas logo a interrompetu, aos gritos:

Acontece que você não serve para esse serviço. Desapareça de minha frente!

Esse homem ríspido tinha, entretanto, seus momentos de bom-humor, mesmo nos tempos áridos da construção de Brasília. E foi sorrindo e brincando que respondeu aos agricultores japoneses que o procuraram para reclamar que as terras do planalto não eram boas para plantar verduras: — A terra é ruim? Claro que é ruim. Se não fosse, eu precisava de japoneses?

O político

Israel Pinheiro pode ser considerado um dos melhores exemplos da escola mineira de política. Quando se declarava partidário ou contrário a alguma coisa, sempre deixava aberta uma saída estratégica para o lado oposto. A respeito de eleições, por exemplo, assim ele se manifestava em 1968, quando estava no Governo de Minas: Se dependesse de mim, todas as eleições inclusive para Governador, seriam pelo voto indireto. Considero-me

insuspeito para emitir essa opinião, porque fui eleito num pleito direto. Mas entendo que um colegiado terá sempre melhores condições de escolha dos seus supremos governantes do que a massa eleitoral. No entanto, sustento que a Constituição de 1967, que prevê eleições diretas para governadores, não deve ser modificada, porquanto, com apenas um ano de inigência, está em plena fase de experimentação. Em suma, ele declarava que, mesmo contrário às eleições diretas, não defendia a sua revogação. Isto é, nem contra nem a favor, muito pelo contrário, no mais puro estilo mineiro.

O mudo

Em julho de 1970, quando o então Governador Israel Pinheiro chegou ao Palácio Laranjeiras para debater com o Presidente Média a sucessão mineira, os repórteres logo o cercaram.

— Eu não falo nada. Vocês sabem que eu não falo. Aliás, faz de conta que eu sou mudo — disse-lhes ele, e depois calou-se mesmo.

A audiência foi rápida, durou apenas dez minutos. Ao final, os jornalistas voltaram a assediá-lo, indagando o nome escolhido para sucedê-lo no Governo de Minas.

Sei de nada, não sei. Ante o desconcerto e frustração dos repórteres, Israel logo os surpreendeu: — E brincadeira minha. Já temos o nome do homem. O escolhido é o Deputado Rondon Pacheco, nosso illustre presidente da Arena.

Em março de 1971, Israel passou o bastão político a Rondon Pacheco, e foi cuidar da velha cerâmica de Caeté. Lá mesmo, na cidadezinha do interior, recebia os amigos e os esparsos jornalistas que o procuravam. A um deles, que lhe perguntou se a aposentadoria política era para valer, Israel, então aos 76 anos, respondeu: — Olha, meu filho, depois de cinquenta anos levando na cabeça, você acha que eu ainda vou querer meter com política? So mesmo se eu estivesse doido.

Era um homem de grande capacidade de trabalho e com acentuado espírito público — frisou. — Minas, o seu Estado, deve-lhe muito. Como Brasília, de que foi um dos arquitetos, o Brasil perde, com a sua morte, um dos seus grandes filhos. Apesar de viver, politicamente, em campo oposto a Israel Pinheiro, sempre nos demos muito bem.

O 4º secretário da Câmara, Deputado Dib Cherem, declarou: — Era muito jovem quando conheci Israel Pinheiro. Comecei, então, a admirá-lo pela determinação e pela sinceridade com que se dedicava a tudo que fazia. Depois de Brasília, então, é que coloquei o homem na proporção exata de sua dimensão. Comandou a construção da cidade, com outros abnegados, e muito realizou pela integração do Brasil e pela auto-afirmação de todos os brasileiros. Era um político e administrador que deixava uma lacuna no País.

Aleixo: Ele era justo

BELO HORIZONTE (O GLOBO) O ex-Vice-Presidente da República, Pedro Aleixo, disse que "com a morte de Israel Pinheiro o Brasil perdeu um homem justo". Israel foi um homem que nunca desrespeitou e sempre fez com que fossem respeitados os direitos civis dos cidadãos. Durante toda a sua vida, ele nunca cometeu um ato de violência.

paz consigo mesmo. Parece que ele começou a ser educado antes mesmo de nascer.

O ex-Presidente da República, Juscelino Kubitschek, não pode comparecer ao enterro, mas enviou uma mensagem, dizendo:

— Admirava em Israel a cultura polimorfa, o talento raro e peregrino, a impressionante capacidade de trabalho e a fé constante nas ilimitadas possibilidades de seu país. Agradeço a Deus a inspiração de me ter levado a convidar Israel para a epopeia de Brasília.

1220

Gerente de Produção da Área de Estruturas Metálicas e Calderaria Pesada.
Veja oferta de emprego no Mercado de Trabalho, hoje, no **MERCADO DE TRABALHO** do Classificados de O GLOBO

Amanhã, comece o dia indo a Miami com a Pan Am.

Saída do Rio às 7h35min. Às 17h30min você está em Miami. Vóos diários. Chame o seu Agente de Viagens. **Pan Am** Ou a Pan Am.

A linha aérea que faz mais do que voar.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL

CGC nº 62647383/001- ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCACÃO

Ficam convidados os senhores ministros-dirigentes ou seus substitutos legais e representantes dos membros das Igrejas da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, nos termos do artigo 22 dos estatutos sociais, a se reunirem no dia 14 (quatorze) de julho de 1973, às 9 (nove) horas, na sede central, à Rua Morgado de Mateus, 77, na capital do Estado de São Paulo, em assembleia geral extraordinária, a fim de discutirem e votarem os assuntos constantes da seguinte

ORDEM DO DIA:

- Aprovar o balanço geral e inventário de bens encerrados em 31/12/72, acompanhados do relatório das atividades e do parecer do Conselho Fiscal.
- Eleger os membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal.
- Alterar os estatutos sociais da Igreja Messiânica Mundial do Brasil.
- Alterar os estatutos da Fundação Messiânica do Brasil.
- Eleger membros para cargos vagos existentes no Conselho Deliberativo.
- Outros assuntos de interesse da igreja.

São Paulo, 30 de junho de 1973.

NOBORU KANBE

Dirigente Espiritual da Igreja

ARTE É INVESTIMENTO

Adquira, com financiamento em até 24 meses, quadros de famosos mestres nacionais e estrangeiros, no próximo

LEILÃO DA BOLSA DE ARTE

a realizar-se nos dias 16 e 17 e 18 de Julho, às 21.00 horas, apregoados por

LEMONS

na Praça General Osório, 53
Exposição dias 13, 14 e 15 das 17.00 às 22.00 horas.

O pesar de José Bonifácio, seu ex-adversário

O ex-presidente da Câmara, Deputado José Bonifácio, que foi um dos mais ardorosos críticos da mudança da capital para Brasília, prestou a O GLOBO o seguinte depoimento sobre Israel Pinheiro.

— A morte de Israel Pinheiro repercutiu não apenas entre os seus amigos e familiares, mas atinge o País inteiro, desafiando-o de um dos seus homens mais dinâmicos e de grande espírito público.

— E ele, inevitavelmente, o construtor de Brasília, título que leva para o túmulo, porque está na consciência do povo brasileiro. A sua presença, na presidência da Novacap — e sou insuspeito, devido à minha antiga posição —, foi o motor permanente que tornou possível a mudança e, mais do que isso, a sua implantação. Reputo a implantação mais importante do que a mudança, porque a mudança era um imperativo que permaneceu em todas as Constituições, embora o seu cumprimento fosse fácil.

— A grande obra desse grande mineiro foi, portanto, a construção de Brasília e, talvez, o esforço que despendeu e as emoções que se desencadearam no seu espírito, resultantes desse trabalho, tenham concorrido para acelerar a sua morte.

— Eu o vi, quando aqui cheguei em 1960, antes da inauguração da cidade, que era ainda um vasto canteiro de obras, em dois lugares: no gabinete de trabalho, fazendo cálculos e despachando papéis, e nas obras, dirigindo trator, para ensinar os candangos a trabalhar com máquinas.

— Hoje — e continuo invocando minha insuspeição — pois fui seu adversário político, embora amigo pessoal —, sou um convertido à grandeza de Brasília, gigantesca realização desse mineiro ilustre, pois que Brasília é, na verdade, honra e glória do povo brasileiro — disse José Bonifácio.

No exercício da presidência da Câmara, o 1º vice-presidente, Deputado Aderbal Jurema, enviou o seguinte telegrama à viúva do ex-Governador de Minas, Sra. Coracy Uchoa Pinheiro: "Em nome da Câmara dos Deputados, manifestamos o nosso pesar pelo falecimento de Israel Pinheiro, a cuja atuação como homem público muito devem as instituições parlamentares do nosso País. Constituinte em 1946, presidente, anos seguidos, da Comissão de Orçamento, um dos fundadores de Brasília e seu primeiro governante, governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro revelou sua personalidade pessoal e vel, o po-

lítico, o legislador e homem de governo sempre voltado para interesses nacionais. Esta Casa continuará a reverenciar o seu exemplo de parlamentar dos mais dignos e devotados às causas públicas".

Ao tomar conhecimento da morte de Israel Pinheiro, o líder da Arena na Câmara, Deputado Geraldo Freire, disse que "em Minas Gerais ele deixa a marca indelevel de sua passagem e que sua conduta era marcada pela sabedoria e por um permanente sentido de integração".

— Quanto ao ponto de vista administrativo — frisou o líder — desde a década de 30 ele se tornou muito conhecido pelas memoráveis obras que realizou como secretário de Agricultura e de Viação de Minas Gerais. Governou o Estado numa época que oferecia grandes dificuldades políticas. Foi durante o seu governo que se formou a Arena. Cabia-lhe aglutinar forças contrárias, unindo-as que o apoiaram aqueles que combatiam a sua candidatura. Com o espírito desarmado e conciliador, contribuiu para formar em Minas um grande partido, tal como nunca existira anteriormente.

O Deputado Faria Lima disse que "Brasília deve estar profundamente sensibilizada com a morte do seu construtor". Salientou, com o elemento de destaque na edificação

O "Estadualismo" sem base

O Bradesco deve anunciar, a qualquer momento, a incorporação do Banco da Bahia, tradicional estabelecimento de crédito de domínio privado. Em Salvador, porém, a classe política baiana parece ver na operação um instrumento de "esvaziamento econômico" do Estado. Antes de mais nada, é preciso considerar que o processo de concentração no setor bancário, precipitado nos últimos quatro anos, é uma espécie de lei de gravidade, acima de qualquer outra consideração, que não a de caráter estritamente econômico. O Brasil exige um número menor de bancos mais sólidos, de âmbito nacional. Um princípio de economia da escala que vale para o automóvel, o sabonete, o aço e o banco. Logo, o "estadualismo" é uma tese discutível, para não dizer improcedente. O Banco da Bahia, por exemplo, exigiu do grupo majoritário uma enorme imobilização de capital, a título de manutenção do controle acionário. Essa mobilização esviou recursos que o grupo majoritário poderia ter aplicado em outras áreas da prospera economia baiana. Com a cessão do controle acionário ao Bradesco, o grupo vendedor poderá injetar (e certamente o fará) recursos substanciais no vigoroso parque petroquímico da Bahia, além de manter sob sua posse o banco de investimento, repassador de recursos nacionais e estrangeiros para a comunidade empresarial do Estado. Outro aspecto importante: entre um banco local, impossibilitado de alargar fronteiras, e um outro, de estrutura nacional, a economia baiana só terá a ganhar com o segundo, que ativará fortemente suas aplicações no Estado, na esteira da clientela e da tradição consolidada pelo primeiro. Do ponto de vista técnico e não político e do negócio bancário — é uma questão de racionalidade e não de emocionalismo — a economia baiana só tende a lucrar com a incorporação do Banco da Bahia pelo Bradesco, uma organização que deu raízes em todo o território nacional, hoje captando recursos também no exterior. Trata-se de um banco brasileiro e não mais um banco paulista.

Desapropriações pagas à vista

A Secretaria de Finanças, até o próximo dia 30 pagará todas as indenizações referentes a desapropriações julgadas em 1972. Até o final deste ano porá em dia as de 1973. Assim, a partir de janeiro vindouro, estará em condições de liquidar, à vista, os compromissos do município da capital decorrentes de mandados judiciais emitidos a favor dos proprietários de imóveis desapropriados.

Tão importante quanto o pagamento sem atraso será entretanto a orientação, adotada desde já, no sentido de tentar negociar e chegar a entendimento sobre o preço a pagar pelos imóveis em cuja posse a prefeitura tenha de imitir-se. Assim, a indenização demoraria ainda menos: poderia ser recebida em seguida à formalização do acordo.

De outro lado, poupa-se o onus dos juros e da correção monetária sobre a importância das desapropriações, inevitável quando era retardado o cumprimento dos mandados. Para que se tenha idéia do vulto de tal onus nos últimos três anos, basta dizer que ele ultrapassou a casa dos Cr\$250 milhões, quantia suficiente para construir 50 quilômetros de vias expressas, tipo "minhocão".

Preservação do patrimônio

O presidente Médici autorizou a liberação da verba de três milhões de cruzeiros, indispensável ao custeio das obras de re-urbanização e reforma do Teatro Amazonas, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Até o montante de três milhões e duzentos mil cruzeiros, o Ministério da Educação e Cultura poderá custear serviços técnicos para a restauração e a conservação dos conjuntos barrocos de Ouro Preto e Mariana. Os prefeitos dessas duas cidades contratarão para serviços o governo de Minas Gerais.

Embaixador japonês é otimista

Atsushi Uyama, novo embaixador do Japão, acredita que possa contribuir para aproximar ainda mais o Brasil de seu país. Afirmando que há muitos fatores favoráveis ao estreitamento da cooperação econômica, lembra que coincidem a estabilidade política e o crescimento "espetacular" da economia nacional.

O diplomata tem 36 anos de carreira e esteve no Brasil, em 1960, chefiando uma missão que veio negociar acordos comerciais. Antes da Segunda Guerra Mundial serviu em Londres e em Xangai. Foi Conselheiro Econômico. Vem disposto a promover, por todos os meios, o intercâmbio tecnológico. Para o bom desempenho de sua nova função não lhe falta nem este requisito fundamental: é um grande adepto do futebol.

Saída de Geisel não está marcada

A Petrobrás desmente que já exista data certa para que o general Ernesto Geisel deixe a presidência da empresa. A notícia equívoca a um desmentido da que circulava, segundo a qual a transmissão do cargo ocorreria na próxima quarta-feira. O brigadeiro Flávio Faria Lima é tido como provável sucessor do futuro presidente da República, mas não há confirmação oficial de que será indicado.

Enquanto isso, a assessoria de imprensa da Petrobrás solicita aos órgãos de divulgação que credenciem os jornalistas que os representarão naquela transmissão, revelando, entretanto, que desconhece a data em que se realizará.

Desenvolvimento

1 — O Fundo Monetário Internacional está informando: as reservas monetárias do Brasil aumentaram quase quatro vezes, entre janeiro de 1970 e fevereiro deste ano. De 1.187 bilhões de dólares passou para 4.476 bilhões. É o maior índice latino-americano.

2 — Encontra-se em fase de conclusão, a primeira etapa das obras do polo do Malhado, em Ilhéus, o maior terminal cacauieiro do país, e que se destinará também a inflamáveis, abastecendo o Sul da Bahia, Espírito Santo e Norte de Minas. Para inspeccionar o andamento dessas obras, ainda este mês estará em Ilhéus o ministro dos Transportes, Mario Andreazza.

Contraponto

Par assumir a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) o sr. Israel Pinheiro renunciou ao mandato de deputado federal, que exercia desde 1946. Coube-lhe chefiar a construção de Brasília. A missão a cumprir era das mais difíceis: a cidade começaria da estaca zero, em pleno planalto central, numa região totalmente desligada dos grandes centros populacionais. Durante muito tempo só se poderia chegar lá por avião, pois não havia qualquer ligação por estrada, nem com Goiânia, distante 200 km. E o prazo marcado para que a capital fosse inaugurada, a 21 de abril de 1960, não poderia ser alterado de forma alguma. Constatava-se que não faltou quem considerasse a tarefa por demais pesada para um homem que beirava os sessenta. Não obstante, na data prevista, o que era essencial para a inauguração já funcionava e o sr. Juscelino Kubitschek pôde presidir às festas que assinalaram a mudança do Distrito Federal.

O presidente da Novacap, depois prefeito de Brasília, tornou a política e ainda se elegeu governador de Minas no pleito de 3 de outubro de 1965. Cumprir o mandato de cinco anos e transferiu o poder a seu sucessor, o sr. Rondon Pacheco, com 75 anos.

Israel Pinheiro não escondia que uma de suas maiores preocupações, durante a construção de Brasília, resultava da pobreza do solo, não apenas no chamado Plano Piloto mas nas extensas áreas que o circundavam. Por isso tomou a iniciativa de convidar famílias japonesas a se radicarem na capital, incentivando-as a aplicar todos os conhecimentos de agricultura que possuíam, na tentativa de tornar produtivas aquelas terras barrentas e fracas.

As primeiras experiências não foram animadoras. Os técnicos, por melhores que fossem, pouco conseguiram aproveitar do que plantavam. Até que um dia, mais decidido, procura o presidente da Novacap para manifestar seu desânimo. Alega que o solo era paupérrimo e nada indicava que viesse a produzir bem. Ninguém tinha culpa; naquela terra, só mesmo o cerrado.

Israel não se perturbou. Parcia mesmo já esperar pela próxima. Ao pobre que se lamenta indaga, apenas, com toda ligeza: — E se a terra fosse boa, eu precisava mandar buscar japoneses?

Israel Pinheiro morre em Belo Horizonte



MOMENTOS DE GLORIA — (1) Instalado com o plano de transferência da Capital Federal, Israel Pinheiro deixa um mandato de deputado, tira o paletó e começa a dirigir a NOVACAP, no Planalto Central. (2) Quatro anos depois, o primeiro fruto maduro de seu trabalho: a inauguração do Palácio da Alvorada, pelo então presidente Kubitschek. (3) Depois, outra satisfação: em a inauguração oficial de Brasília e do Congresso Nacional, a 21 de abril de 1960. (4) Sols anos mais tarde, o depois de uma polémica posse no Governo de Minas, uma recepção especial: ao então presidente Castelo Branco, acompanhado da professora Ester de Figueiredo Frazão.

A sua maneira de fazer política

ARI CUNHA
Especial para a FOLHA DE S. PAULO

Morreu o construtor de Brasília. Filho de administrador e político, Israel Pinheiro herdara tudo de seu pai, João Pinheiro. Suas decisões eram em cima da bucha. Como todo político que se preza, ele também fazia suas tramoias, dava seus dribles na hora de eleição, mas tudo com uma autenticidade que chegou a fazer escola.

Manino ainda, prefeito de Caeté, teve de enfrentar as primeiras situações difíceis numa política brava demais. Um seu adversário não pagava impostos, não pagava nem luz. Um dia o dr. Israel resolveu enfrentá-lo. Mandou cortar-lhe a luz. O homem da companhia pôs a escada ao pé da porta principal do estabelecimento. Com o alicate em punho, pronto para cumprir a ordem, ouviu a voz lá de baixo: "desça daí senão lhe derrubo com bala". Era o dono da casa dando a ordem.

O sr. Israel não gostou do episódio, mas não queria derramamento de sangue. Havia na cidade um surdo-mudo debilmente, que fazia todos os mandados e vivia disto. O sr. Israel encomendou-lhe o trabalho. O homem repetiu a mesma cena do revolver, e o mudo apenas fazia com os dois dedos indicando corte. E cortou a luz.

Deputado federal, presidente da Comissão de Finanças renunciou ao mandato para tornar-se presidente da NOVACAP. A ordem que recebera do presidente Juscelino era construir, e a isto se dispôs do primeiro ao último minuto. E conseguiu. Quando terminou seu mandato de primeiro prefeito de Brasília, deu o lugar a Paulo de Tarso, nomeado por Janio Quadros. Naquela época, era o pavor da honestidade solto no mundo. Todo mundo era ladrão. Gavetas lacradas em todas repartições. Não faltava quem anunciasse que no dia 31 de janeiro iria um avião para a Suíça, e Israel seria seu mandante. Veio o governo novo, Israel instalou-se na pensinola sul como Boor. Fizeram o diabo até para ele ir embora, e ele não arrastou o pé.

"Houve roubo, na construção, asseverava ele. Mas eu não. E não guardei segredo de ninguém. Sempre quem deveria punir".

Terminou assim: o governo Janio Quadros pedindo instruções a ele.

Um dia, numa comissão de inquerito da Câmara, Carlos Lacerda tratava dos roubos de Brasília. Israel foi depor. Lacerda começou a fazer perguntas maldosas. O "velho" passou a mão espalmada pelo rosto, segurou o nariz com os dois dedos, e mandou: "Na casa da gente, a empregada rouba, imagine numa grande empresa". Carlos Lacerda atalhou para dizer: "na minha, não".

Ele não pensou duas vezes: "Vou dizer a Coraci para lhe tomar a empregada". Terminou o depoimento.

Ele era devoto de D. Bosco tanto quanto uma pessoa pode ser por um santo. Tanto assim que a primeira construção de alvenaria de Brasília foi a ermida. Os desastres se sucediam na construção da cidade, e depois de um incêndio ele mandou chamar o padre Marreco, do Colégio D. Bosco. A conversa foi rápida, com estas palavras: "olhe padre, está havendo desastres demais. O padreiro parece que está se queimando assim. Digo isto para ele: se continuar a oxidar, eu nomeio outro padreiro. Vá logo dizer isto a ele". E terminou a audiência.

Uma firma americana, a Planalto, era encarregada da construção do Congresso, alguns Ministérios, e da Barragem do Paranoá. Numa reunião, os americanos disseram que no dia 12 de setembro de 1959 não poderiam entregar a barragem pronta. O prazo era curto demais, e mais possível, materialmente. Ele mandou dar a passagem de volta para o pessoal, e nem sequer tratou de dissolver o contrato. Pegou todo mundo na palavra, e entregou a obra às firmas brasileiras.

Quando as pessoas procuravam o dr. Juscelino em Brasília para pedir favor, ele impunha a compra de um terreno aqui, que ninguém queria. E mandava dizer ao dr. Israel: "Olha, Israel, aí vai fulano de tal comprar um HP-5. Pode oferecer mais de um que ele vai comprar".

"Juscelino, disse ele um dia arrebatado — você está fazendo o papel de corretor fracassado. Esse povo quando se vê atendido vai-se embora, e até agora ninguém comprou terreno nenhum. Mande passar primeiro por mim".

Quando estava sendo construída a avenida das Nações, os desvios eram demais. A gente ia numa direção e quando voltava, a pista estava diferente. O sr. Israel um dia aborreceu-se, chamou o dr. Vasco e ordenou: "Vamos acabar com tanto desvio. Se continuar desse jeito, vou empregar engenheiro ferroviário, que trabalha em linha reta e no nível".

As histórias que ele contava do tempo de político no interior dariam livros. Humano, simples, bom, rude, grosseiro ou sorridente, ele tinha uma identidade: Israel Pinheiro. Para ele, as palavras "sim" e "não" tinham o mesmo número de letras: "a falta de ritmo fica por conta de quem as recebe"., costumava dizer.

Ari Cunha, editor-chefe do Correio Brasiliense, é um perito em gente e coisas de Brasília. Antes da transferência da Capital Federal para o Planalto Central, Ari se encontrava. Chegou com os primeiros candangos e se radicou, como jornalista.

Durante três dias, o luto oficial

BRASILIA (Sueursal) — Brasília guardará três dias de luto oficial, em virtude da morte do sr. Israel Pinheiro, ontem, pelo governador do Distrito Federal, cel. Helio Prates da Silveira.

No decreto, o governador assinala os serviços prestados pelo sr. Israel Pinheiro à construção, fundação e consolidação de Brasília e põe em relevo sua atuação como governador de Minas Gerais e legislador.

Uma comissão do Governo do Distrito Federal foi designada para representar, oficialmente, Brasília, nos funerais do seu ex-prefeito. Integram a representação os srs. Cid Ferreira Lopes, secretário de Administração, Jairo Gomes da Silva, secretário de Governo e Lucio Gomide, superintendente da Companhia de Água e Esgotos.

CAMARA

O deputado Aderbal Jurema, 1.º vice-presidente da Câmara dos Deputados, no exercício da Presidência, enviou a seguinte telegrama à sr. Coracy Uchoa Pinheiro e à família do sr. Israel Pinheiro: "Em nome da Câmara dos Deputados manifestamos nosso pesar pelo falecimento de Israel Pinheiro, cuja atuação como homem público muito devem às instituições parlamentares de nosso país e a constituinte de 46. Presidente vários anos seguidos da Comissão de Orçamento, um dos fundadores de Brasília e seu primeiro governante, gover-

REPERCUSSÃO

A notícia da morte de Israel Pinheiro, ao ser divulgada entre os poucos deputados presentes em Brasília, causou consternação, tendo o líder do Governo, Geraldo Freire, e o deputado Faria Lima (ARENA-SP) declarado que o Brasil acabara de perder um de seus grandes filhos.

"E com o mais sentido pesar que recebi a notícia do falecimento do ex-governador Israel Pinheiro. Em Minas Gerais ele deixa a marca indelevel de sua passagem" - disse o representante mineiro.

DIFICULDADES

"Governo do Estado numa época que oferecia grandes dificuldades políticas. Foi durante o seu governo que se formou a ARENA. Cabia-lhe aglutinar forças contrárias, unindo as que o apoiaram aqueles que combatiam sua candidatura. Com o espírito desarmado e conciliador, contribuiu para formar em Minas um grande partido, da qual nunca existira anteriormente", afirmou Geraldo Freire. "Sua conduta, prosseguiu,

BRASILIA

"E necessário ainda não esquecer que na implantação de Brasília foi ele o escolhido para o impulso inicial, o desbravamento mais difícil e, assim, primeiro prefeito para ele nomeado", acrescentou Geraldo Freire para concluir, afirmar que "Minas Gerais reverencia sua memória e o Brasil também não se esquecerá desse seu filho querido e realizador que hoje desaparece".

INTEGRAÇÃO

O deputado Faria Lima, embora não conhecesse pessoalmente Israel Pinheiro, lamentou o seu desaparecimento, afirmando que "Brasília, também, deve estar profundamente sensibilizada com a morte de seu construtor".

"Devesse a Israel Pinheiro, acrescente o representante paulista, como elemento de destaque na edificação da nova capital da República, o início da política de integração nacional, porquanto esta política não teria a profundidade que possui agora sem a interiorização da capital do País."

CAPACIDADE

Sobre a morte de Israel Pinheiro assim falou o senador Ruy Santos (ARENA-BA): "É com pesar que acabo de saber do falecimento de Israel Pinheiro, privei com ele, durante alguns anos, na Câmara e, mais diretamente, na Comissão de Finanças, de que foi presidente. Era um homem de grande capacidade de trabalho e com acentuado espírito público. Aliás, o seu Estado deve-lhe muito, como Brasília, de que foi um dos arquitetos. O Brasil também perde, com sua morte, um de seus grandes filhos. Apesar de viver, politicamente, sempre no campo oposto a Israel, sempre nos demos muito bem. E que ele, como eu, usava a política do diálogo, de entendimento. Fui seu amigo e, como seu amigo, lamento o seu desaparecimento".

CAPACIDADE E SACRIFICIO

RIO (Sueursal) — Manifestando-se sobre a morte de Israel Pinheiro, o sr. Osvaldo Maia Penido, um dos maiores amigos do ex-governador, disse que o extinto sempre revelou extraordinária capacidade de trabalho, devoção e sacrifício, em toda a sua vida pública, embora "injustamente acusado". "Para mim — acrescentou o ex-chefe da Casa Civil de Juscelino — o Brasil perdeu um grande engenheiro e um grande administrador. Encerrou sua vida pública realizando seu sonho, que era o Governo de Minas Gerais."

BRASILIA (Sueursal) — Faleceu ontem, em Belo Horizonte, o sr. Israel Pinheiro da Silva, em consequência de uma angina pectoris. O ex-governador de Minas Gerais, que tinha 77 anos, morreu em seu apartamento, às 6 horas, cercado pela esposa, dr. Coracy, os filhos e outros familiares.

Israel Pinheiro começou a sentir-se mal na última quarta-feira, no Palácio da Liberdade, pouco antes de iniciar-se o almoço com que o Governo do Estado homenageou o embaixador japonês Fumio Miura. Internado no Hospital das Clínicas, constatou-se que tivera uma crise de hêmia. Em face da melhora, foi liberado na manhã de quinta, indo para seu apartamento. Durante o resto do dia ele esteve muito bem, mas à noite sofreu nova crise. A junta médica, reunida em sua casa, concluiu que a hêmia era inoperável, pois há 25 anos estava instalada no esôfago.

Por decisão de sua família, o corpo foi sepultado em Caeté, sua terra natal, a trinta quilômetros de Belo Horizonte. Pela manhã, o corpo foi velado no próprio apartamento, com a presença do governador Rondon Pacheco, e de seus colaboradores políticos. A tarde, o corpo foi levado para o Palácio da Liberdade, onde recebeu as honras de chefe de Estado e permaneceu das 15 às

Minas. Silêncio. PSD

A VIDA

O sr. Israel Pinheiro era um dos remanescentes da chamada "velha guarda" possedista mineira — um tipo de política que mais ouve do que fala (conversa de mais de duas pessoas é comício, diz o deputado José Maria Alkmin, outro do mesmo grupo), e cuja discrição, em todos os aspectos, é em boa parte responsável pelo conhecido ditado segundo o qual "Minas trabalha em silêncio". Com os srs. Benedito Valadares e Bias Fortes, já falecidos, mais o mencionado Alkmin, Tancredo Neves e outros poucos, o sr. Israel Pinheiro fez parte de uma geração que imprimiu ao PSD, desde a sua fundação em 1945, até sua extinção, em 1965, a imagem de um partido de homens de grande habilidade política, mais propensos às articulações de bastidores do que à atuação em cena aberta, mais dispostos às composições, às transigências e às soluções conciliatórias do que a atitudes radicais. Características que, em grande parte, explicam o predomínio quase absoluto do PSD, na política brasileira, no período que se seguiu do fim da guerra à Revolução de 64.

Secretário-geral do PSD até a extinção deste, o sr. Israel Pinheiro foi deputado federal por três vezes consecutivas, secretário de Viação e Obras e de Agricultura de Minas Gerais, governador de seu Estado, mas será sobretudo lembrado sobretudo pela sua participação na construção de Brasília (de que foi também o primeiro prefeito). Nomeado, pelo presidente Juscelino Kubitschek, presidente da NOVACAP — entidade encarregada da construção da nova capital — o sr. Israel Pinheiro deixou seu nome indissolavelmente ligado ao empreendimento.

Antes das eleições de 1965, segundo suas próprias declarações, já tinha considerado encerrada sua carreira política. O candidato possedista ao governo mineiro era o sr. Sebastião Pais de Almeida, cuja candidatura foi entretanto impugnada. O nome do sr. Israel Pinheiro surgiu como uma solução de emergência, o que não o impediu de ganhar as eleições, com apenas 17 dias de campanha eleitoral.

Surgiram dúvidas quanto a sua posse. O presidente Castelo Branco apoiou-o e garantiu sua ascensão ao governo estadual.

JK: perda irreparável

RIO (Sueursal) — "Considero o desaparecimento de Israel Pinheiro uma perda irreparável para Minas Gerais, porque ele foi não só um homem que trabalhou com todo afinco para o desenvolvimento de Minas Gerais, como também pertencia à escola de políticos que lutou para impor ao País uma po-

Santos Dumont: Medici convidado

BRASILIA (Sueursal) — Convidar o presidente Médici para a festa do centenário de nascimento de Santos Dumont e despachar assuntos rotineiros do Ministério. Assim o gabinete do ministro Arraio Macedo, da Aeronáutica, justificou o despacho extraordinário que ele manteve com o presidente da República, na tarde de ontem, quando, normalmente, os ministros militares só vão ao Palácio do Planalto nas segundas-feiras.

Diz o Ministério que a festa do centenário do pai da Aviação está marcada para a manhã do próximo dia 20, na Base Aérea de Brasília, com entrega de medalhas do "Mérito Santos Dumont" a diversas personalidades civis e militares.

FESTA COM MIRAGES

As autoridades do Minis-

lério estudam a possibilidade de abrigar aquela solenidade com vôo da caça supersônica "Mirage", da Base Aérea de Anápolis.

Dos 16 "Mirage" comprados na França, 12 já estão em condições de vôo em Anápolis, em cuja base resta montar os outros quatro, que também vieram encaixotados, a bordo de aviões C-130 "Heracles".

Quanto às obras da nova base aérea, porém o Ministério que estejam totalmente concluídas até o final do ano. A pista está carente apenas de pequenos retoques, os hangares dos "Mirages" estão prontos e só falta concluir algumas obras de apoio, como alojamentos de oficiais e praças e alguns depósitos de materiais.